

# Estacas em ninhos de votos

JOSÉ ROBERTO DE ALENCAR

Fernando Collor ia bem nas pesquisas mineiras e catarinenses mas nada tinha de concreto por lá até ontem. Agora, tenta duas boas cabeças-de-ponte. Itamar Franco, velho acionista de seu discurso udenista, perdeu a última eleição — apesar de bafejado pelo apoio de Pimenta da Veiga, da família Neves e da corrente anti-Newton — obteve 42% dos 7,6 milhões dos votos de Minas, o segundo colégio eleitoral do País. Espiridião Amim não foi testado em todo o Estado, mas mostrou-se bom de voto na campanha de poucos dias que lhe deu a Prefeitura de Florianópolis.

Em São Paulo, maior colégio, parece difícil para Collor obter algum apoio político de peso — os mais pesados apoiam suas próprias candidaturas. Mas tem seu irmão Leopoldo, acostumado a dirigir sucursais de inegável densidade eleitoral, como as da TV Manchete e da Globo — da qual, aliás, a Organização Arnon de Mello é associada em Alagoas.

Também nos torrões natais do brizolismo, Collor tem firmeza: é carioca e neto de um gaúcho importante, Lindolfo Collor. Deputado federal e secretário da Fazenda gaúcha, Lindolfo foi alçado por Vargas a primeiro-ministro do Trabalho do Brasil — onde criou a maioria das leis trabalhistas e a estrutura sindical ainda vigente, reiteradamente comparada à Carta del Lavoro, produto fascista da grife Mussolini.

Depois de encrencar com Getúlio, despencar do Ministério e amargar alguma temporada na cadeia, Lindolfo virou correspondente de guerra na Europa, enquanto no Rio um jovem alagoano chamado Arnon de Mello iniciava sua carreira nos Diários Associados. Um dia, o jovem repórter viu pela janela do trem, parado na estação de Biarritz (na fronteira da França com a Alemanha), o velho correspondente. Apeou para entrevistá-lo — e em dezembro de 1939 casava-se, em Lisboa, com Leda, a filha do entrevistado.

## A VOLTA AO RIO

De volta ao Rio, setorista muito bem informado do Palácio do Catete (e bota bem informado nisso), Arnon desandou a enricar no ramo imobiliário. Virou incorporador enquanto nasciam, ainda no Rio, quatro de seus cinco filhos: Leda (embaixatriz do Brasil na Grécia), Leopoldo, Ana Luiza e Fernando. O quinto, Pedro, deixou para nascer em Maceió, para onde a família se mudou em 1951, quando da posse do novo governador.

Aliás, o próprio Arnon, eleito após uma campanha de corar o Faustão. Seu slogan “vai dar Arnon” era maliciosamente invertido pela oposição, enquanto ele exibia pelo interior a máquina de costura infelizmente já prometida para uma viúva da cidade vizinha, mas igual às que distribuiria entre as viúvas locais. Nenhuma viúva viu a Singer, mas Alagoas deixou de ser Alagoas — dominada pelos Goes Monteiro. Anos mais tarde, o

antagonismo daria em tragédia: o senador Arnon reagiu a bala, quando o senador Silvestre Péricles (da clã dos Goes) tentou impedi-lo de estrear na tribuna, e matou José Kayrala, suplente acreano que exibia, inocente, o plenário à família.

De volta ao Rio em 1956, com sete anos, Fernando, segundo ele mesmo, sempre foi ótimo aluno, com passagens pelos quadros-de-honra e pelas presidências da Congregação Mariana e dos grêmios. Collor confia não apenas nos amigos desse tempo, mas também nos que fez depois de crescido, nesse grande colégio eleitoral. Onde, por sinal, se casou com Lilibeth Monteiro de Carvalho, mãe de seus filhos Arnon e Joaquim Pedro.

Fernando fez amigos também no mais novo eleitorado brasileiro: o de Brasília, aonde foi, em 1967, estudar na primeira turma do Ciem, um curso colegial da própria UnB. “Mas veio o AI-5”, lembra ele, “e perdemos os melhores professores, como Darcy Ribeiro e Celso Furtado”. Dedicou-se ao caráter, à natação e ao trabalho de repórter na sucursal do JB, até o penúltimo ano de Economia. Concluiu a faculdade em Maceió, onde parece só ter acumulado inimigos: falam mal dele 72 mil funcionários, 600 empregados da Arno de Mello, os usineiros, o povo da rua e a maioria dos políticos mais conhecidos. Como Guilherme Palmeira, velho amigo que certa vez o nomeou prefeito de Maceió, pelo PDS.